

FINANÇAS JOVENS: ENTENDENDO A PERCEPÇÃO DO SALÁRIO ODS 1, 4, 10 e 12

Ana Carolina Takayama Nogueira (Universidade de Taubaté)
Wendry Maria Paixão Pereira (Universidade de Taubaté)

Resumo

Em um contexto histórico-cultural marcado por desigualdades e em um sistema capitalista que influencia valores e escolhas, questiona-se se suas decisões frente ao consumismo e à mídia são conscientes, especialmente dos jovens. Os programas de aprendizagem, ao combinar teoria e prática sob supervisão qualificada, abordam temas como direitos trabalhistas, saúde e segurança no trabalho, direitos humanos, economia sustentável, impactos tecnológicos, inclusão digital e educação financeira, visando formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel social. O objetivo do estudo foi analisar a percepção do jovem aprendiz sobre seu salário. Trata-se de um estudo quali-quantitativo com dez jovens aprendizes entre 18 e 22 anos, que participaram de uma entrevista semiestruturada. Para análise de dados utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposto por Lefèvre. A análise dos Discursos do Sujeito Coletivo evidenciou três ideias centrais na percepção financeira dos jovens: “guardar dinheiro”, “sobrará mês e faltará salário” e “preciso ter controle”. A primeira revela um entendimento conservador da educação financeira, ainda fortemente associado à poupança e à busca por segurança imediata, em consonância com influências escolares, familiares e sociais. Já a segunda destaca a vulnerabilidade econômica típica da juventude em início de carreira, especialmente em contextos de baixa renda, refletindo a insuficiência orçamentária e a exposição a práticas de consumo que podem levar ao endividamento. A terceira, por sua vez, indica uma preocupação emergente com o planejamento e a necessidade de desenvolver estratégias de controle financeiro, ainda que permeadas por inseguranças diante das incertezas sociais e econômicas. Também se observou a interferência de fatores contemporâneos, como o crescimento das apostas online, que reforçam o risco de práticas financeiras prejudiciais. Constata-se que a educação

financeira, embora presente na formação dos jovens, ainda é vivenciada de forma restrita, centrada no ato de economizar, sem necessariamente contemplar o planejamento de longo prazo e o entendimento crítico das pressões do sistema capitalista.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano; Educação Financeira; Jovem Aprendiz.

Introdução

A sociedade capitalista em que o ter torna-se mais evidente do que o ser; a busca incessante por produtos que possam satisfazer necessidades efêmeras constituídas a partir de padrões reforçados pelas mídias dificultam a administração financeira do jovem que ingressa no mundo do trabalho. Segundo Oliveira *et al.* (2021) pessoas tornam-se reféns de uma nova maneira de viver em sociedade.

Gama *et al.* (2021) demonstram percepção sobre consumismo, produtivismo e utilitarismo manifestado na construção da identidade relacionado ao corpo, beleza e juventude representando símbolo distinto e tornando desejo e conquista da aparência socialmente aceita.

As reflexões preliminares de Barbosa (2018) apontam para subjetividades construídas (fruto de uma construção histórico-cultural) e seus efeitos na população juvenil de 18 a 29 anos de idade, decorrentes da acumulação flexível do capital e da política neoliberal após a década de 1990 e também legislações que imprimem precarização nas relações trabalhistas implementadas pela Lei nº 13.467/2017. Fornasier *et al.* (2019) promovem reflexões significativas por meio de analogia entre a cultura do medo (e sua conseqüente segregação urbana) e o consumismo. Ambos os trabalhos reforçam individualismo, sociedade desigual, impacto da mídia e a segregação.

Barbosa (2018) aponta que os jovens pesquisados são alvos fáceis da onda imagética e consumista, ponderando que se a roldana que move o capitalismo é o

consumo, a mídia tem grande poder na produção de necessidades. Neste ponto, o modo de vestir, tom de fala e modo de se comportar destacam pessoas e são estratégias para que jovens se sintam pertencentes, aceitos e incluídos em um mundo de exclusões.

Já Fornasier *et al.* (2019) ao demonstrar convergências entre cultura do medo e consumismo contextualiza historicamente o consumo perpassando por lojas de departamentos, vindo a aperfeiçoar-se de modo que a comunicação midiática induz a se pensar que felicidade e consumo se confundem fornecendo sentimento de inclusão/identificação. Reforça que a ideologia do consumo promovendo igualdade/homogeneização na capacidade de consumir coisas é falsa, criando produtos e serviços de maneira desenfreada e que não se torna acessível a grande parte da população. Demonstra ainda que a população mais abastada como modo de reafirmação de sua posição social promove gastos supérfluos e dissemina cultura do desperdício e apresenta o funk ostentação ritmo musical oriundo da periferia, cuja letra vangloria consumo desenfreado de artigos de luxo reproduzindo tal estilo de vida.

Oliveira *et al.* (2021) fazem considerações ao aumento do consumo, gerando por um lado desenvolvimento econômico e social, com lucro para empresas e aumentando oportunidade de trabalho e renda e acarretando mais consumo e por outro viés consequências ao meio ambiente, causando danos irreversíveis.

Godecke *et al.* (2012) apresentam relação entre consumismo e depleção ambiental, indiretamente ao extrair desnecessariamente insumos utilizados para produção e diretamente ao devolver volume de resíduos superiores a uma situação de consumo consciente, trazendo como consequência redução da capacidade ambiental, reduzindo bem-estar social por doenças, extremos climáticos, perdas na produção de alimentos, disponibilização de água. Face ao cenário de consumismo e mediante apelos midiáticos empenhados, é possível ao jovem trabalhador fazer escolhas conscientes? Qual o impacto percebido pelo jovem trabalhador ao receber educação financeira no ambiente escolar?

Diante do exposto, o objetivo do estudo foi analisar a percepção do jovem aprendiz sobre seu salário, considerando as influências sociais, culturais e econômicas que permeiam suas escolhas financeiras.

Método

Trata-se de uma abordagem quali-quantitativa, que é um método de pesquisa que combina as técnicas de análise qualitativa e quantitativa para uma compreensão mais aprofundada de um fenômeno. A pesquisa quantitativa foca-se em dados numéricos e estatísticas, (Gil, 2006) enquanto a qualitativa foca-se na interpretação e compreensão das experiências e percepções dos indivíduos (Minayo, Deslandes & Gomes, 2001).

A combinação destas abordagens, também conhecida como pesquisa de método misto, permite a validação de dados e oferece uma análise mais rica, cruzando diferentes tipos de informações para um entendimento mais completo

Participaram da pesquisa dez jovens aprendiz, com mais de 18 anos, que estudavam no período da manhã ou tarde; e/ou ter sido formado recentemente. Os participantes foram recrutados por meio de uma amostra não probabilística utilizando a técnica bola de neve que consiste em cadeias de referência (Vinuto, 2014). Para a realização de uma amostragem em bola de neve é necessário um intermediário inicial, também denominado de informante inicial, que localiza ou aponta jovens com o perfil necessário para a realização da pesquisa. O informante inicial foi convidado pelo critério de acessibilidade da pesquisadora.

Como instrumento de coleta foi utilizado uma entrevista semiestruturada, após gravação das entrevistas, foram realizadas as suas transcrições de forma fidedigna e analisadas para a construção do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

O DSC é um procedimento adequado para pesquisas na área de humanas, visto que, utiliza-se do discurso dos participantes, visando identificar seus pensamentos e aspectos subjetivos. Sendo uma forma de expressar o pensamento

de um determinado grupo, como se este grupo fosse um indivíduo. A técnica intenciona dar espaço ao imaginário social (Lefrève e Lefrève, 2003).

A análise do material coletado nas entrevistas foi feita com base nos operadores do DSC, que são: expressões chave (ECH), ideias centrais (IC), Ancoragem (AC) e discurso do sujeito coletivo (DSC). Após a identificação das IC e AC, a partir das ECH, aquelas que tiveram um sentido igual ou equivalente foram agrupadas por categorias. Em seguida, procedeu-se com a construção do DSC.

Resultados e discussão

A amostra deste estudo contou com dez participantes com média de idade de 19,9 anos (DP=1,3) num intervalo de 18 a 22 anos, sendo a maioria do gênero feminino (70%), cursando o ensino publico (80%) (Tabela 1).

Tabela 1: Distribuição do perfil dos participantes (N:10)

Variáveis		N	%
IDADE (anos)	18 a 20	7	70
	21 ou mais	3	30
SEXO	Feminino	7	70
	Masculino	3	30
ESCOLARIDADE	Ensino médio incompleto	-	-
	Ensino médio completo	10	100
ESCOLA	Particular	2	20
	Publica	8	80

Fonte: Própria autora

Na Tabela 1 observa-se predominância do gênero feminino (70%), o que pode refletir maior interesse ou disponibilidade das jovens para participar de pesquisas educacionais, fenômeno já observado em estudos envolvendo contextos escolares e programas de aprendizagem (Silva, 2021). Ainda a predominância feminina sugere que as jovens podem demonstrar maior interesse em participar de atividades relacionadas ao desenvolvimento de competências socioeducacionais, o que corrobora achados de pesquisas anteriores que apontam maior engajamento feminino em programas educativos voltados ao conhecimento prático e aplicado.

Quanto à escolaridade, todos os participantes concluíram o ensino médio, sendo a maioria (80%) oriunda da rede pública de ensino. Esse dado sugere que o contexto educacional público constitui o ambiente principal de socialização e formação dos conhecimentos financeiros desses jovens. Apenas 20% frequentam escolas particulares, indicando que a experiência educacional e o acesso a recursos pedagógicos podem variar significativamente entre os participantes, influenciando o repertório cognitivo relacionado à educação financeira (Baroni *et al.*, 2019).

O perfil etário, aliado à escolaridade e ao tipo de escola, permite inferir que os jovens ainda estão em fase de construção de competências financeiras básicas, e que práticas pedagógicas contextualizadas são essenciais para favorecer a autonomia e o desenvolvimento de hábitos financeiros adequados. Ademais, a predominância feminina e o caráter público da maioria da amostra devem ser considerados na interpretação dos resultados, sobretudo em relação às práticas comportamentais e à percepção sobre educação financeira (Hartmann *et al.*, 2019).

Assim, o perfil identificado indica a importância de desenvolver estratégias pedagógicas que levem em conta o gênero e o contexto técnico-profissional, proporcionando oportunidades de aprendizagem que favoreçam a autonomia

financeira e a tomada de decisões conscientes. Esse enfoque é particularmente relevante para jovens em fase de transição para o mercado de trabalho, quando a compreensão de finanças pessoais se torna um elemento essencial para a cidadania e a inclusão social.

Sobre a pergunta Ao receber o seu salário, qual a percepção que você tem? Sobra? Falta? conseguir guardar?, emergiram cinco ideias centrais com seus DSC os quais foram descritos no Quadro 1.

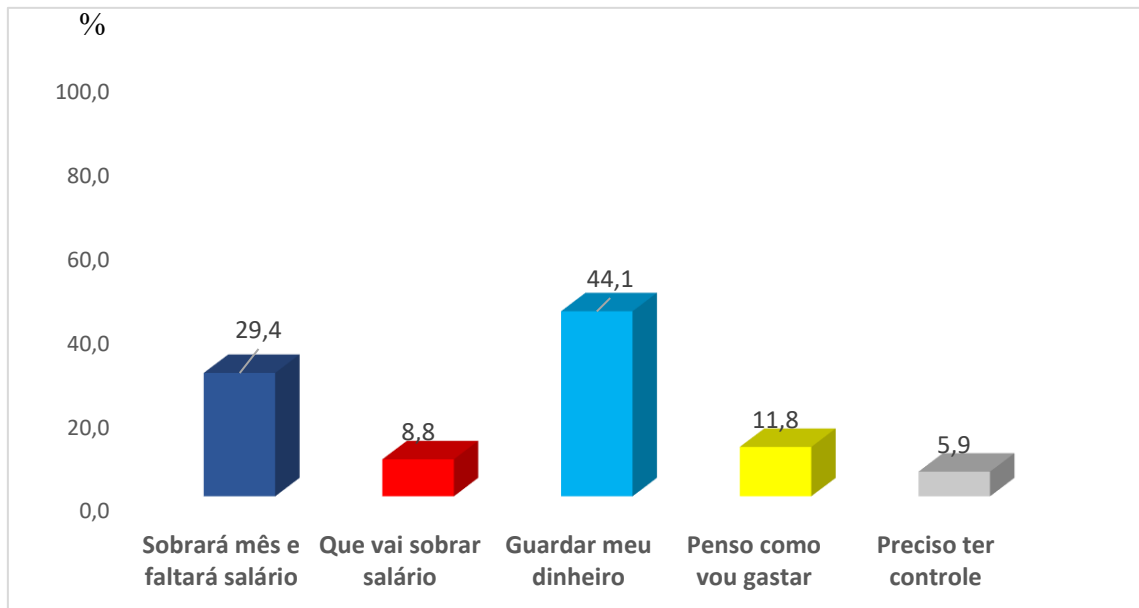
Quadro 1: Síntese dos discursos coletivos da pergunta 1, segundo número pessoas que compartilham a mesma ideia central.

Ideia central	N	Discursos
1. Sobrará mês e faltará salário	10	“Neste mês vai sobrar mês e vai faltar salário, até porque o nosso financeiro de aprendiz é muito pequeno... faltará salário porque o que a gente está vivendo hoje está tudo aumentando os preços...Sabe eu gasto muito tendo pouco...o salário não dura o mês... O que eu tenho que gastar e o que eu tenho de salário não dá... É não vou conseguir guardar. Eu pago as contas e já acaba tudo! Alguns meses que eu fico zero a zero... Neste mês não vai sobrar nada para mim”
2. Que vai sobrar salário	3	“... Então , é o segundo mês e vai sobrar... acredita sobrará... Depende muito do mês....tem meses que eu consigo dar conta e sobrar.. acho que vai sobrar”

3. Guardar meu dinheiro	15	<p>“Quando eu comecei a trabalhar, eu tinha em mente que eu queria guardar um dinheiro... e eu to guardando! Eu acho que guardei 200 reais, que é bastante coisa... vou conseguir guardar para o meu futuro... Todos os meses eu tento guardar... Eu consegui guardar parte para o meu futuro... Sempre guardo uma parte... Eu deixo uma parte separada para guardar, poupança né! conseguir guardar pelo menos um pouco de dinheiro... Todo mês consigo... Depende muito do mês... mas eu guardei.. Eu guardo caso eu precise pra alguma coisa... um dinheiro de emergência!”</p>
4. Penso como vou gastar	4	<p>“Então, eu sempre tento pensar muito com o que eu gasto e eu fico com medo de gastar... penso muito para fazer tal coisa, organizar o dinheiro, o meu salário... penso muito antes de gastar... Porque é um objetivo que eu quero é a faculdade! ... aí eu deixo uma parte para gastar, depois de pagar as contas, mas não gasto a toa... para gastar certo... outra parte para usar no dia a dia !”.</p>
5. Preciso ter controle	2	<p>“Eu percebi que talvez eu precisava ter um alto controle... Para mim mesmo me organizar, porque senão eu vou ficar zerada... Tenho que me controlar...”</p>

N: número de sujeitos que contribuíram para a composição de cada DSC, cada sujeito pode ter contribuído em mais que um DSC.

Figura 1: Distribuição da frequência relativa das ideias centrais da pergunta 1.



A predominância da ideia central “guardar dinheiro”, como se observa na Figura 1, indica que o conceito de educação financeira ainda está fortemente associado à poupança e à segurança financeira imediata. Esse achado é consistente com estudos que mostram que, para jovens em fase de aprendizagem, a gestão financeira costuma se concentrar em práticas conservadoras, voltadas à preservação de recursos, mais do que ao planejamento financeiro de longo prazo, muito do que Lusardi & Mitchell (2011) relatavam em seus estudos.

Essa percepção pode refletir tanto a influência do ambiente escolar quanto das experiências familiares e sociais, que frequentemente enfatizam a importância de economizar como principal estratégia para lidar com recursos limitados (Mandell & Klein, 2009).

Percebemos que guardar dinheiro era a ideia ao iniciar no mundo do trabalho para alguns, entendendo envolver algum plano posterior a se concretizar com a

remuneração recebida; no entanto, alguns demonstram preocupação e tentam guardar reserva para eventual emergência o que demonstra preocupação diante de incertezas e inseguranças vivenciadas que podemos inferir ser percebidas pelo jovem, em especial os vulnerabilizados (Barbosa, 2018)

Ao analisarmos o DSC “sobrará mês e faltará salário”: Fica evidente a influência do ambiente socioeconômico, especialmente em contextos de baixa renda ou instabilidade financeira familiar. Estudos brasileiros indicam que jovens oriundos da rede pública de ensino apresentam maior propensão a vivenciar esse descompasso entre renda e despesas, reforçando a importância de intervenções pedagógicas que combinem teoria, prática e experiências concretas de gestão financeira (Silva & Powell, 2013).

O DSC recorta “o que eu tenho que gastar e o que eu tenho de salário não dá”, apontando para um orçamento insuficiente e a vulnerabilidade econômica típica de jovens em início de carreira. Também é válido considerar o recorte “Sabe eu gasto muito tendo pouco...o salário não dura o mês”. Peñaloza *et al.* (2019) apresenta a representação social do endividamento observa que é diferente de acordo com a idade e que parece estar associado a ciclo de vida das pessoas. Barbosa (2018) pondera que devemos considerar e não julgar o comportamento do jovem que está inserido em um sistema capitalista em que o ter é mais valorado do que o ser e que para ter maior visibilidade este deve demonstrar maior poder de compra, tal recorte nos faz perceber sua imersão no sistema.

Corroborando, Peñaloza *et al.* (2019) ao apresentar que a faixa etária até 24 anos faz uma representação do endividamento ligados a categorias “Compras/Consumismo” e também às “Limitações Financeiras” e um pouco mais distante aparece categoria “Conjuntura” que agrupa nomeações relacionadas a questões externas que tem a ver com política e economia, neste sentido, encontramos no recorte do DSC “... faltará salário porque o que a gente está vivendo hoje está tudo aumentando os preços”.

Segundo Lusardi e Mitchell (2011), a educação financeira é crucial para que indivíduos jovens possam planejar seus gastos e compreender prioridades financeiras, prevenindo endividamento e estresse econômico.

Já o DSC a ideia central “Preciso ter controle”: Sugere a necessidade de estratégias educativas que promovam não apenas a poupança, mas também o planejamento, a análise de prioridades e o desenvolvimento de competências financeiras integradas à realidade socioeconômica dos jovens. Importante também é contextualizar para o jovem todo o arcabouço em que estamos inseridos e propor reflexões que busquem outras possibilidades às demandas impostas pelo sistema que fragiliza ainda mais esta faixa etária.

De modo que, a educação financeira surge como um instrumento crucial para a prevenção de comportamentos de risco entre jovens, como o envolvimento com o ‘Jogo do Tigrinho’, modalidade de aposta online associada ao endividamento e a consequências financeiras e sociais negativas (Ceci, 2025)

Estudos recentes revelam que o vício em apostas online está afetando significativamente a vida financeira e acadêmica dos jovens brasileiros. Uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC) indica que 63% dos apostadores comprometem o orçamento doméstico, com muitos recorrendo a empréstimos para cobrir perdas (SBVC, 2025).

O contraponto desta ideia se encontra no DSC “penso como vou gastar,” é possível refletir sobre a insegurança e vulnerabilidade econômica do jovem no recorte “eu fico com medo de gastar”, sugere ainda que não totalmente consciente, o jovem tem a preocupação com seu futuro (recorte “Porque é um objetivo que eu quero é a faculdade!”) diante das incertezas do presente por ele vivenciada (Barbosa, 2018).

Considerações Finais

Constata-se que a educação financeira, embora presente na formação dos jovens, ainda é vivenciada de forma restrita, centrada no ato de economizar, sem

necessariamente contemplar o planejamento de longo prazo e o entendimento crítico das pressões do sistema capitalista.

Os discursos revelam tensões entre o desejo de consumir, a necessidade de poupar e a realidade da insuficiência salarial, elementos que moldam suas práticas financeiras e expõem fragilidades socioeconômicas. Torna-se, portanto, essencial que programas de aprendizagem e iniciativas educacionais ampliem sua abordagem, contemplando competências de gestão financeira, análise crítica das influências midiáticas e estratégias de prevenção ao endividamento.

Assim, a educação financeira pode consolidar-se como ferramenta de empoderamento juvenil, favorecendo escolhas mais conscientes e uma inserção social menos vulnerável.

Referências

BARBOSA, C..S. Juventudes e produção de subjetividades no contexto de acumulação flexível do capital. Interfaces da educação, Paranaíba, v.9, n27, p.274-293, 2018.

BARONI, A. K. C. Educação Financeira no contexto da Educação Matemática: possibilidades para a formação inicial do professor. 2021. 253 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202819> . Acesso em: 26 junho 2024.

BARONI, A. K. C.; SILVA, E. C. da; MALTEMPI, M. V.; JAVARONI, S. L. Educação financeira e as contribuições do pensamento computacional em uma proposta de atividade voltada à tomada de decisão. Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática, Cascavel, v. 3, n. 2, p. 151-179, ago. 2019.

FORNASIER, M. O.; FERREIRA, L.V.; FERREIRA, C.F. Segregação urbana, cultura do medo e consumismo no Brasil: Apontamentos para uma possível analogia. Direito e Desenvolvimento, v. 10, n.1 jan/jun.2019

GAMA, C. O.; GAMA, G. O.; PIRES, V. N.L.; BRAGA, J. U.; MACIEL, E. M. G. S. Corpo, beleza e juventude na contemporaneidade: apontamentos reflexivos. Lecturas: Educación Física YnDeportes, 26 (279), 147-163, 2021.

GODECKE, M.V.; NAIME, R.H.; FIGUEIREDO, J.A.S. O consumismo e a geração de resíduos sólidos urbanos no Brasil. Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental. V8, n. 8, p. 1700-1712, set./dez.2012

HARTMANN, A. L. B; REISDOERFER, C; FERREIRA; I. F.; MARIANI, R. C. P. Educação Financeira No Ensino Médio: uma Experiência Sob o Olhar da Matemática Crítica. Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 154-163, set. 2019

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.M.C. Depoimentos e discursos Brasília: Liberlivro, 2005.

LEFÈVRE, LEFÈVRE A. M.C. O Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Rio Grande do Sul: Educus, 2003.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning in the United States. Journal of Pension Economics and Finance, v. 10, n. 4, p. 509-525, 2011. <https://doi.org/10.3386/w17108>.

OECD. Improving Financial Literacy: Analysis of Issues and Policies. [10 nov. 2005]. Disponível em: <Disponível em: <http://www.oecd.org/finance/financial-education/improvingfinancialliteracyanalysisofissuesandpolicies.htm> >. Acesso em: 21 junho 2024.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 2003.

MANDELL, L.; KLEIN, L. S. The impact of financial literacy education on subsequent financial behavior. In: Journal of Financial Counseling and Planning, v. 20, n. 1, p. 15-24, 2009.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Ana & Filho, Carlos. (2021). Aspectos da sociedade enfatizando a violência no cotidiano das crianças e adolescentes. Minerva Magazine of Science. Março-2021. 10.31070/RM2021CBJF 01.

PEÑALOZA, V.; SOUSA, F.G.P.; CARVALHO, H.A.; CORIA, M.D. Representações sociais do endividamento do consumidor, diferenças por sexo, idade e faixas de renda. Polis, v.18, n.54, Conjunto de Santiago, 2019.

RIBEIRO, L.E.R; CAMPOS, O.O.S.; DAMASCENO, E.; MENEZES, E.F. O labor na infância à ótica da arte: o trabalho infantil à perspectiva da música sementes de Emicida e Drik Barbosa, disponível em <https://revistaft.com.br/o-labor-na-infancia-a-otica-da-arte-o-trabalho-infantil-a-perspectiva-da-musica-sementes-de-emicida-e-drik-barbosa/> .Acesso em 23 de jun. de 2025.

SAKAMOTO, Leonardo. Bets se tornam droga mais consumida no Brasil, com benção de Estado e mídia. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2025/07/04/bets-passam-o-whatsapp-e-provam-ser-o-sintoma-de-uma-doenca-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 14 de jul. de 2025.

SANTOMÉ, Jurjo T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis- RJ: Vozes, 2013.

SARMENTO, P. F.; GAMBA JUNIOR, N.G. Leitura crítica da mídia pelas crianças: políticas públicas brasileiras e europeias. Aurora: revista de arte, mídia e política. São Paulo. v.14, n. 40, p. 91-109. fev.maio 2021.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 11., 2013, Curitiba. Anais... Curitiba/PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. p. 01-17.

SILVA, P. O. ; MAZZI, L. C.. Uma trajetória histórica da Educação Financeira: da OECE até a nova ENEF. Ed. Mat. Deb., Montes Claros , v. 8,n. 15, a10, ago. 2024 Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-61362024000200109&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 11 set. 2025. E pub 21-Maio-2025. <https://doi.org/10.46551/emd.v8n15a10>.

SILVA, M.P.; MAIO, A.M.D. Linguagem, consume e felicidade: discurso jornalístico e ambivalência. Comun.Mídia Consumo, São Paulo, v.15, n. 42, p. 182-203, Jan./Abr. 2018

VIEIRA, G. S.; PESSOA, C. A. Educação Financeira pelo mundo: Como se organizam as Estratégias Nacionais . Educação Matemática Pesquisa Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 658–688, 2020. DOI: 10.23925/1983-3156.2020v22i2p658-688. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/47580>. Acesso em: 11 set. 2025.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Acesso em: Out. 2024.